

AS APROPRIAÇÕES DOS ESTUDOS NEUROPSICOLÓGICOS DE LURIA NA ATUALIDADE

Silvana Tuleski¹

Marília Daefiol Herrero Gomes²

Resumo

Observou-se que a Neuropsicologia de Alexander Romanovich Luria vem sendo interpretada e apropriada de forma incoerente com relação a epistemologia que embasa sua obra. Dessa forma, a presente pesquisa é uma revisão bibliográfica, assentada na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, que objetivou averiguar se os artigos publicados em português entre os anos de 2006 e 2016, disponíveis nas bases de dados do CAPES e da Scielo, a respeito da Neuropsicologia do psicólogo soviético Luria estão ou não de acordo com os preceitos postulados por ele. Para tanto, os artigos encontrados nas bases citadas foram lidos e comparados com as principais obras que trazem os conceitos centrais desenvolvidos por Luria. A grande maioria dos artigos apresentou-se dissonante da teoria luriana, fragmentando diversos aspectos e se apropriando dela de forma parcial. O método fundante da teoria de Luria, o materialismo histórico-dialético, foi desconsiderado e, como consequência direta disso, apontam-se outros padrões centrais de apropriação: aproximação entre teorias; tendência à dicotomização e padronização das provas lurianas.

Palavras-chave: Luria. Neuropsicologia. Materialismo Histórico-Dialético

THE APPROPRIATIONS OF LURIA'S NEUROPSYCHOLOGICAL STUDIES TODAY

Abstract

It was observed that the Alexander Romanovich Luria's Neuropsychology has been interpreted and appropriated inconsistently in comparison with the epistemology that underlies his work. Thus, this research is a literature review, based on the perspectiva of cultural-historical psychology, that aimed to inquire whether the published articles in portuguese between the years of 2006 and 2016, available in the CAPES and Scielo database, regarding Soviet psychologist Luria's Neuropsychology, are or not in conformity with the tenets postulated by him. Therefore, the articles found in the mentioned database have been read and compared with the main work that brings the central ideas developed by Luria. The result was a great discrepancy between lurian concepts and the majority of the articles, in which Luria's work was fragmented and partially appropriated. The leading method of Luria's theory, the historical-dialectical materialism, was disregarded and, as a direct consequence of that, other central patterns of appropriation are going to be pointed out, such as approaching theories; tendency towards dichotomization and standardization of lurian tests.

Key-words: Luria; Neuropsychology; historical-dialectical materialism

¹ Doutora e pós-doutora em Educação Escolar pela UNESP- Campus de Araraquara/SP, professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: silvanatuleski@gmail.com

² Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. E-mail: mariliadhg@gmail.com

LAS APROPIACIONES DE LOS ESTUDIOS NEUROPSICOLÓGICOS DE LURIA EN LOS TIEMPOS ACTUALES

Resumen

Se observó que la Neuropsicología de Alexander Romanovich Luria viene siendo interpretada y apropiada de forma incoherente con relación a la epistemología que embasa su obra. Esta investigación es una revisión de la literatura, basado en la perspectiva de la psicología histórico-cultural, con el objetivo de determinar si los artículos publicados en portugués entre los años 2006 y 2016, disponibles en las bases de datos la CAPES y Scielo, acerca de Neuropsicología del psicólogo soviético Luria están o no en conformidad con los preceptos postulados por él. Para ello, los artículos encontrados en las bases citadas fueron leídos y comparados con las principales obras que traen los conceptos centrales desarrollados por Luria. El resultado fue una gran discordancia entre los conceptos lurianos y la mayoría de los artículos, en los que el trabajo de Luria se fragmentó y se consideró apropiado. El método fundante de la teoría de Luria, el materialismo histórico-dialéctico, fue desconsiderado y, como consecuencia directa de ello, se apunta otros estándares centrales de apropiación: aproximación entre teorías; tendencia a la dicotomización y estandarización de las pruebas lurianas.

Palavras-clave: Luria; Neuropsicología; materialismo histórico-dialéctico

1. Introdução

A pesquisa aqui apresentada é uma revisão bibliográfica que partiu de uma necessidade de averiguar como os estudos neuropsicológicos de Alexander Romanovich Luria (1902-1977) vêm sendo apropriados por artigos publicados entre os anos de 2006 e 2016. Esse estudo é uma continuação da pesquisa realizada por Tuleski (2010), que apontou algumas tendências interpretativas da obra luriana no intervalo de 1980 até 2005. Os resultados obtidos pela autora revelaram a existência de incoerências entre as obras que se baseiam na Neuropsicologia de Luria e as obras originais do autor soviético. Por isso, aqui, objetiva-se averiguar se o cenário apontado por Tuleski (2010) sofreu alterações ou se continuou semelhante.

Para Luria, a Psicologia de sua época, estava dividida entre duas propostas: o subjetivismo, que entende os processos mentais como aspecto apartado do substrato orgânico e o materialismo mecanicista, que resume o comportamento humano em reflexos condicionados. Entretanto, essas tendências negligenciavam algo crucial para Luria: os aspectos socioculturais. O autor soviético, de acordo com Hazin *et al* (2010), defendia que os aspectos socioculturais influenciavam diretamente no funcionamento cognitivo superior, assim, as funções psicológicas superiores tinham suporte biológico, mas eram passíveis de alterações substanciais ao longo do tempo, decorrentes das relações sociais de um indivíduo imerso numa dimensão histórica e cultural (HAZIN *et al.*, 2010; LURIA, 1979; TULESKI, 2010).

Dessa forma compreende-se que o desenvolvimento é proporcionado pela aprendizagem – aspecto compreendido pelo contexto sócio-histórico em que o indivíduo se encontra. E, diante disso, Luria (1979) explica que as raízes da emergência da atividade consciente do homem devem ser buscadas nas condições sociais e históricas da humanidade, já que essa atividade não está obrigatoriamente ligada à biologia humana.

Como exposto anteriormente, o autor soviético denunciava em sua época o quanto a Psicologia negligenciava a origem sócio-histórica dos processos mentais, entretanto, ainda é possível afirmar que, atualmente, essa tendência continua em vigor. Hoje em dia, por exemplo, com os avanços das Neurociências e da Neuropsicologia, nota-se outra propensão: a de naturalização de problemas de cunho social, através do reducionismo biológico (TULESKI, 2010).

A distorção da obra luriana permite que visões reducionistas e biologizantes sejam – paradoxalmente – respaldadas pela própria obra de Luria, justificando processos como o de medicalização. De acordo com Tuleski (2011), quando essa tendência passa a ser relacionada a um autor que se apresenta como crítico dela, torna-se necessário o esclarecimento quanto à seguinte questão: até que ponto Luria se manteve fiel aos preceitos da Psicologia Histórico-Cultural. Daí deriva a importância também de se revelar a maneira como os tempos atuais vêm se apropriando do pensamento e obra lurianos.

Munidos da compreensão dos preceitos básicos da obra de Luria e das consequências das apropriações inadequadas dela, é possível ressaltar a importância de se resgatar seus fundamentos e conceitos, ou seja, sua teoria como um todo, sem supressões e reducionismos. Vale ratificar que as obras de Vigotski e Luria devem ser entendidas como contínuas, como parte do arcabouço teórico da Psicologia Histórico-Cultural. Dessa maneira, procuraremos expor e sistematizar a forma como as obras de Luria estão sendo apropriadas por artigos recentes, mas antes é necessário trazer seus fundamentos e principais conceitos, o que será tratado a seguir.

1.1 Principais pressupostos da obra de Luria

Para que se possa compreender como a obra de Luria vem sendo apropriada, é necessário expor as origens de sua teoria. Luria fez parte da troika, juntamente com Lev Semiónovich Vigotski (1896-1934) e Alexis Nikoláevich Leontiev (1903-1979). O objetivo central do grupo era a constituição de uma Psicologia Geral alternativa à Psicologia Clássica da época, que, de acordo com Luria (1979), estava em crise. A troika opunha-se às concepções

clássicas e buscava explicar aspectos que essa Psicologia não possuía subsídios para compreender. A nova teoria criada foi denominada de Psicologia Histórico-Cultural (PHC), nome que remete à importância conferida aos aspectos sociais, históricos e culturais no desenvolvimento psíquico do ser humano.

O método escolhido para essa nova Psicologia foi o materialismo histórico-dialético de Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), por isso, surge uma teoria que vai além dos aspectos biológicos, cuja visão materialista histórica contesta o idealismo, o dualismo e o materialismo mecanicista, utilizando-se da dialética em suas concepções. Nesse sentido, Luria (2016) aponta para a importância de se compreender o caráter histórico dos processos psíquicos, bem como de se entender a própria Psicologia como uma ciência histórica – visão essa que foi gerada dentro da epistemologia marxista.

Dessa forma, a psicologia soviética descartou a ideia de imutabilidade dos processos psíquicos da criança ao longo de seu desenvolvimento e a concepção positivista de um amadurecimento espontâneo e intrínseco ao organismo humano, ambas defendidas pela Psicologia Clássica já mencionada. Luria (1979) afirma a necessidade de uma relação entre a Psicologia e Biologia, Fisiologia e Ciências sociais, ressaltando a importância dos três campos e alertando para o cuidado com reducionismos. Assim, a Neuropsicologia nasce arraigada nessas concepções desenvolvidas pelos autores soviéticos, como uma ciência particular da Psicologia Geral e como continuidade dos estudos vigotskianos, baseando-se também nos fundamentos marxistas. Alguns aspectos importantes da obra serão discutidos em seguida, a fim de oferecer uma base conceitual para a análise dos artigos e das interpretações da obra de Luria (LURIA, 2016; RICCI, 2014).

Um assunto muito importante tratado por Luria (1979) é o psiquismo humano e sua origem. A fim de se estudá-lo, o autor soviético volta-se para a filogênese, tratando da escala evolutiva de diferentes espécies para esclarecer a diferença entre os comportamentos biologicamente programados existentes em todos os animais e o comportamento consciente do homem, cujas raízes são histórico-sociais. São elencados três traços principais que distinguem a atividade consciente do homem, de comportamentos mais simples: “a atividade consciente do homem *não está obrigatoriamente ligada a motivos biológicos*” (LURIA, 1979, p. 71, grifo do autor); esta atividade também não é determinada sempre por impressões evidentes; e, além de ela ter duas fontes que comportamentos mais simples apresentam (hereditária e resultados da experiência individual), possui a assimilação da experiência da humanidade.

Outro aspecto que diferencia o homem do resto dos animais é a emergência da linguagem simbólica, que remete às relações sociais de trabalho, já que estas fizeram surgir forçosamente no homem uma necessidade de comunicação mais complexa. Luria (1979) afirma que a emergência desta linguagem afetou o homem da seguinte forma: permitiu aos homens que dirigissem sua atenção a objetos, discriminando-os e memorizando-os. As palavras, além de indicarem algo, abstraem suas características, permitindo criar classes de objetos similares (abstração e generalização). A linguagem torna-se veículo fundamental da transmissão de informação, ressaltando que Luria (1979) ainda ratifica a existência de importantes mudanças na vida emocional humana, decorrentes de sua emergência.

Como integrante da linguagem simbólica, tem-se a modalidade da linguagem falada, e Luria (1981) expõe que o entendimento desta cria uma saída para impasses decorrentes de teorias mais antigas sobre a fala e sua organização cerebral. Ele propõe a revisão dos conceitos acerca da “palavra”, que deixa de ser vista apenas como uma imagem de certo objeto, propriedade ou ação, ou mera associação de imagem com um complexo acústico. Uma palavra é “como uma *matriz multidimensional complexa* de diferentes pistas e conexões (acústicas, morfológicas, léxicas e semânticas)” (LURIA, 1981, p. 269, grifo *italico* do autor). Essa nova concepção a respeito da palavra abre caminho para a abordagem da fala como meio especial de comunicação que permite a troca de informações no interior da atividade humana.

Há duas formas e dois mecanismos de atividade de fala: “existe a fala expressiva, que começa com o motivo ou ideia geral da expressão, que é codificada em um esquema de fala e posta em operação com o auxílio da fala interna” (LURIA, 1981, p. 269) e existe a fala impressiva “que segue o curso oposto, começando pela percepção de um fluxo de fala recebido de outra fonte, processo esse seguido por tentativas de *decodificar* o referido fluxo” (LURIA, 1981, p. 269, grifo do autor). Além disso, a fala também é um instrumento para a atividade intelectual e um método para organizar processos mentais. É importante acrescentar aqui, que a linguagem simbólica é uma função psicológica fundamental, já que é no processo de apropriação e desenvolvimento dela que todas as demais funções são redimensionadas. Assim, é por meio da apropriação da linguagem simbólica que a criança se reequipa, podendo, então, as outras funções se desenvolverem também (VYGOTSKY; LURIA, 1996).

Além da linguagem, pode-se citar como aspecto importante da teoria de Luria o estudo das **sensações**, a categoria menos complexa das funções cerebrais. As sensações, segundo Luria (1979), são a fonte básica de informações que temos do mundo exterior e referente ao nosso próprio corpo. Elas podem ser classificadas sistematicamente de três formas: interoceptivas,

proprioceptivas e exteroceptivas. As primeiras compreendem os sinais que chegam do meio interior do organismo, garantindo a regulação das inclinações elementares (homeostase). As segundas trazem informações sobre o corpo no espaço e sobre a posição do aparelho de apoio e movimento. As últimas são o maior grupo, trazendo informações do ambiente externo e criando a base do comportamento consciente.

Outra função psicológica estudada por Luria, muito próxima das sensações, é a percepção. A esse respeito, Luria (1979) afirma que “o homem não vive em um mundo de pontos luminosos ou coloridos isolados, de sons ou contatos, mas em um mundo de coisas, objetos e formas, em um mundo de situações complexas” (LURIA, 1979, p. 38). Entretanto para que se perceba o mundo ao redor de maneira a notar as coisas, objetos e formas, ele deve sintetizar suas sensações isoladas e uni-las pelo trabalho dos órgãos dos sentidos: “Somente como resultado dessa unificação é que *transformamos sensações isoladas numa percepção integral*, passamos do reflexo de indícios isolados ao reflexo de objetos ou situações inteiros” (LURIA, 1979, p. 38, grifo *italico* do autor). A percepção tem caráter ativo e imediato, caráter material e genérico, caráter de constância e correção, caráter elástico e dirigível.

Luria (1979) analisa os tipos de percepção humana como a tátil, visual e a auditiva, que serão brevemente explicadas aqui. O tato é uma forma de sensibilidade que contém componentes simples (protopáticos) e complexos (epicríticos). O primeiro grupo compreende as sensações de frio, calor e de dor. O segundo corresponde a sensações de contato ou pressões e a tipos de sensibilidade profunda e sinestésica. Os receptores para cada uma dessas sensações estão espalhados pela pele de forma desigual, sendo que a densidade de distribuição depende da sensibilidade do trabalho de um órgão. Com relação à percepção visual, sua área periférica é o olho, órgão muito complexo que se divide em vários componentes. Esse tipo de percepção pode ser de formas mais complexas ou desconhecidas ou de formas mais simples. No caso das mais complexas, é necessário que se identifique indícios separados para que possam ser sintetizados em um só posteriormente. Esse caso em questão constitui um processo receptor complexo e ativo. O movimento dos olhos também é necessário para identificação de um objeto, ou seja, há presença de um componente motor. Por último, tem-se a percepção auditiva, que é muito diferente das duas já descritas, ela está relacionada com uma “*sucessão de irritações que ocorrem no tempo*” (LURIA, 1979, p. 86, grifo do autor). A audição associa-se a um tipo de atividade sintética que diz respeito à reunião das excitações que chegam ao cérebro em séries sucessivas.

Por meio da sensação, percepção e de suas modalidades, o homem recebe diversos estímulos, dentre eles, os mais importantes são selecionados e os restantes são ignorados. Essa seleção de informações necessárias, juntamente com “o asseguramento dos programas seletivos de ação e a manutenção de um controle permanente sobre elas” (LURIA, 1979, p. 1) define a atenção. Essa função psicológica se relaciona com o caráter seletivo da atividade consciente, manifesto na percepção, nos processos motores e no pensamento. Tanto os animais quanto o ser humano são possuidores da função psicológica em questão, entretanto de formas diferentes: a atenção nos animais é baseada na importância biológica, ou seja, a atenção dos animais é provocada por estímulos de importância vital (reflexo de orientação). No homem, isso também acontece, porém com a diferença de que suas necessidades e interesses estão relacionados com fatores motivacionais formados nos processos de sua história social e não com instintos e inclinações biológicas. Há dois tipos de atenção para a Psicologia: a involuntária e a arbitrária. A primeira é quando “a atenção do homem é atraída quer por um estímulo forte, quer por um estímulo novo ou por um interessante” (LURIA, 1979, p. 22). Os mecanismos desse tipo de atenção são os mesmos tanto nos homens quanto nos animais. Já a atenção arbitrária é propriamente humana, consistindo no poder que o homem tem de concentrar sua atenção, arbitrariamente, em um objeto ou em outro, com ou sem mudanças na situação que os envolve.

A última função psicológica a ser tratada aqui é a memória, um aspecto muito observado e estudado ao longo de todo o desenvolvimento do mundo animal. Alguns experimentos desenvolvidos mostraram que os neurônios não são estruturas que apenas recebem sinais e reagem a eles, mas também conservam vestígios desses estímulos (manifestação mais elementar de uma memória fisiológica). Com relação ao desenvolvimento da memória em seres humanos: nos primeiros anos de vida é mais forte do que nos anos posteriores. Apesar disso, ainda é de difícil organização, não possui seletividade e se caracteriza como memória arbitrária – imediata. O “caráter contraditório do desenvolvimento, certa redução da possibilidade da memória figurativa direta, juntamente com o *aumento da capacidade diretiva* dos processos mnemônicos são o primeiro traço característico do desenvolvimento da memória na idade infantil” (LURIA, 1979, p. 92, grifo do autor). O segundo traço é o desenvolvimento da memorização mediata junto com a transição das memórias imediatas e naturais para formas mediatizadas simbolicamente. Experimentos com crianças de idade inferior demonstraram que um signo auxiliar não as ajudava a memorizar uma palavra, assim como acontecia em adultos formados. O que permitiu averiguar que a memória das crianças em idade pré-escolar ainda tinha caráter não-arbitrário. Já na idade escolar, “as

crianças *estavam [...] em condições de usar meios auxiliares externos para o processo de memorização*” (LURIA, 1979, p. 94, grifo *itálico* do autor). Portanto, conclui-se que nessa idade se formam os processos de memorização mediata na criança.

Todas essas funções expostas se desenvolvem - de elementares a superiores - por intermédio da utilização de instrumentos e de signos, denotando um processo de reequipamento a que Vygotsky e Luria (1996) se referem quando tratam do desenvolvimento infantil. No início da vida, o indivíduo se baseia em processos intersíquicos. Com a apropriação e utilização de instrumentos e signos, principalmente da linguagem simbólica, ao longo de seu desenvolvimento a criança vai se reestruturando seus processos, que se tornam intrapsíquicos, ou seja, as funções vão se tornando superiores, ganhando voluntariedade e complexidade funcional (LURIA, 1992; VYGOTSKI; LURIA, 1996). Dessa forma, nota-se aqui a importância da linguagem simbólica como signo fundamental: “O homem aprende a ver, a sentir, a ouvir, através da linguagem humana, que universaliza a consciência e permite a articulação estável dos fenômenos de um modo independente do homem, a linguagem transforma-se em consciência materializada” (TULESKI, 2011, p. 57).

A partir dos estudos das funções psicológicas Luria procurou esclarecer que relações estas estabelecem com o substrato cerebral, as estruturas e funções cerebrais. Em sua época – e ainda hoje – essa questão da localização foi muito polêmica na história das neurociências. Como nenhuma das concepções em vigor conseguia explicar de fato o que ocorria com pessoas lesionadas, emergiu a crise na doutrina da organização cerebral, cuja saída estaria na “*revisão radical do conceito de ‘funções psíquicas’ e com a mudança radical dos princípios da ‘localização’ cerebral dessas ‘funções’*” (LURIA, 1979, p. 89, grifo do autor). Esse novo conceito de função, que abarcava as funções psicológicas, estava muito mais relacionado a um sistema funcional complexo e dinâmico, tão complexo que não poderia ser localizado em uma área restrita do sistema nervoso e essa busca por localização das funções psíquicas foi substituída pela análise dos sistemas de zonas cerebrais que funcionavam em conjunto.

Diante disso, Luria (1979) discrimina três blocos funcionais principais do cérebro humano. O primeiro deles possui estruturas responsáveis pela manutenção do estado ótimo do tono estão localizadas no subcórtex e no tronco encefálico (bulbo, ponte e mesencéfalo), sendo que elas influenciam o tono cortical e sofrem influência reguladora pelo córtex. No tronco cerebral, há uma formação nervosa particular: a formação reticular, que tem capacidade de, gradualmente, modificar seu nível pouco a pouco, modulando todo o sistema nervoso. Existe o sistema reticular ascendente (fibras que se dirigem para estruturas superiores: tálamo, núcleo

caudado, arquicórtex e estruturas do neocórtex), que atua na ativação do córtex e na regulação do estado de sua atividade. Além do ascendente, existe o sistema reticular descendente (fibras que saem das estruturas superiores mencionadas dirigindo-se para estruturas do mesencéfalo, hipotálamo e tronco cerebral) (LURIA, 1981).

De acordo com Luria (1979) o segundo bloco funcional seria aquele ligado à análise e síntese dos sinais vindos do mundo exterior, os órgãos que os compõem são aqueles presentes nas áreas parietal, temporal e occipital. Esse bloco tem caráter modal-específico e possui zonas primárias, secundárias e terciárias hierarquizadas. Por último, o terceiro bloco é composto por órgãos das áreas anteriores dos grandes hemisférios, possuindo zonas primárias, secundárias e terciárias, cuja função refere-se à organização da atividade consciente, criação de intenções, formação de planos e programas e outros.

Após a explicação e compreensão de aspectos essenciais da obra luriana torna-se possível o entendimento da análise dos materiais recentes que tratam da teoria de Luria, avaliando sua fidelidade ou não ao pensamento do autor. Entretanto, antes de abordarmos a análise, faz-se necessário que expliquemos como se deu a metodologia da pesquisa, como os artigos foram selecionados e outros excluídos, dessa forma, o próximo tópico traz esclarecimentos a respeito desse processo.

2. Metodologia: levantamentos dos artigos que se embasam em Luria nos últimos dez anos e análise quantitativa

Como já informado inicialmente, a presente pesquisa é uma revisão bibliográfica, cujo objetivo foi analisar artigos atuais que se referem a Luria e sua obra, averiguando se estes estão de acordo com o que Luria postulou ou não. Nesse sentido, o procedimento inicial foi o levantamento de artigos, realizado em duas bases de dados: Scielo e Capes. A busca foi restrita a artigos escritos na língua portuguesa e com data de publicação de 2006 a 2016. Os descritores utilizados na busca foram: Luria X Neuropsicologia; Luria X Vigotski; Luria X Vigotsky; Luria X Vygotski; Luria X Vygotsky; Luria X Psicologia Histórico-Cultural; Luria X Psicologia Sócio-Histórica. Decorrente dessa pesquisa, foram encontrados quarenta e seis (46) artigos.

A partir da leitura dos títulos e resumos dos 46 artigos, outros critérios de exclusão foram incorporados, pois mesmo estabelecendo descritores para pesquisa e algumas restrições, alguns materiais não tratavam diretamente da obra de Luria, impossibilitando a análise proposta para a pesquisa. Dessa forma, os critérios estabelecidos foram: abordar diretamente pelo menos um aspecto da teoria luriana e mencionar Luria ou alguma de sua obra no corpo do texto pelo

menos uma vez – mesmo em alguma referência. Assim, restaram vinte e quatro (24) artigos passíveis de análise quanto à fidelidade ou não aos preceitos postulados por Luria.

3. Discussão: análise qualitativa dos artigos

A partir da leitura dos artigos, como já afirmado, apenas 24 deles passaram para a fase de análise quanto à fidelidade à obra de Luria, os outros vinte e dois (22) foram descartados por não seguirem os padrões determinados. Dessa forma, os artigos foram lidos e fichados para que fosse possível construir uma tabela contendo os principais conceitos de Alexander Luria utilizados pelos trabalhos e quais as tendências interpretativas encontradas. Diante disso, os resultados obtidos foram organizados em quatro padrões de apropriação da obra luriana: Aproximações entre teorias; Assepsia em relação ao materialismo histórico-dialético; Tendência à dicotomização e Padronização das provas lurianas.

3.1. Aproximação entre teorias

É preciso entender que, no Brasil, a teoria dos autores integrantes da Escola de Vigotski recebeu diversas denominações que remetem à teoria de Piaget: interacionista, construtivista, sociointeracionista, socioconstrutivista, interacionista-construtivista e também construtivismo pós-piagetiano. Entretanto, nesse trabalho, defendemos que essas denominações são equivocadas, já que “a Escola de Vigotski não é interacionista nem construtivista” (DUARTE, 1996, p. 25). Luria (1979) reconhece a importância da teoria piagetiana, mas sua compreensão de que operações lógicas, por exemplo, são produto de amadurecimento natural “provocou várias objeções sérias entre os psicólogos soviéticos” (p. 110). A partir do exposto, faz-se importante esclarecer que, dentre os artigos analisados, nenhum aproximou a teoria de Luria ao construtivismo, por isso, daqui em diante, vamos nos referir apenas ao interacionismo (DUARTE, 1996; TULESKI, 2010).

As nomenclaturas expostas não aparecem como referência à teoria Histórico-Cultural na obra de nenhum dos integrantes da Escola de Vigotski, valendo ressaltar as obras de Vigotski e de Luria. Além de os próprios autores não denominarem sua teoria de interacionista, é epistemologicamente impossível realizar uma aproximação da PHC – uma teoria que trata o psiquismo enquanto fenômeno histórico-social, baseando-se no materialismo histórico-dialético – ao interacionismo piagetiano – que trata o psiquismo biologicamente. Luria (2016), em sua época, apontou que cada vez mais pesquisas psicológicas indicavam que a estrutura da consciência muda com a história e que o conteúdo e, também, a estrutura da consciência mudam

com o desenvolvimento da criança e com a transição de uma formação histórico-social para outra (DUARTE, 1996; LURIA, 2016).

Ainda com relação ao aspecto sócio-histórico da PHC e ao biológico da Psicologia Genética de Piaget, é necessário expor as diferentes concepções – que justificam a impossibilidade de aproximações entre as duas teorias – que cada uma apresenta do desenvolvimento psíquico. Para Vigotski e Luria, o desenvolvimento cognitivo seria impulsionado pela aprendizagem, tanto aquela adquirida sistematicamente na escola quanto a aprendizagem informal do dia-a-dia. Dessa forma, é possível compreender o porquê de a teoria vigotskiana conferir tanta importância à cultura e à sociedade no processo de reequipamento pelo qual o ser humano passa. Diametralmente oposta a esse posicionamento, encontra-se a teoria piagetiana, que admite que o processo de desenvolvimento da criança é independente do aprendizado, a existência de uma maturação biológica é aceita como algo que possibilitaria o desenvolvimento (VYGOTSKY, 1991).

Dentre os artigos analisados na pesquisa, Gonçalves e Napolitano (2013) e Araújo e Freire (2011) se referem a obra de Luria e de Vigotski como sociointeracionismo. Os dois primeiros autores abordam a existência de uma perspectiva interacionista sociodiscursiva apoiada nos princípios psicológicos de Luria, Vigotski e Leontiev, fundamentados na seguinte análise de Bronckart (2003, p. 23-24) “é sobretudo a obra de Vygotsky que constitui o fundamento mais radical do interacionismo em psicologia e é então a ela que se articula mais claramente nossa própria abordagem” (*apud* GONÇALVES; NAPOLITANO, 2013, p. 106).

Além disso, muitos autores sustentam a possibilidade dessa nomenclatura, pois indicaria uma adição do social (defendido por Vigotski) à teoria interacionista de Piaget. Entretanto, concorda-se com Tuleski (2010) e com Duarte (1996) quando os autores afirmam que a Psicologia Genética de Piaget já considerava um modelo de social, aquele que “se respalda no modelo biológico de interação entre organismo e meio-ambiente” (Duarte, 1996, p. 31), incompatível com o modelo de social (cultural e histórico) vigotskiano. Portanto, “a questão não é dizer que na teoria piagetiana o social é desconsiderado, mas sim **como** foi considerado” (TULESKI, 2010, p. 168, grifo **negrito** nosso).

Vasconcelos (2015), em um dos artigos analisados, defende que o desenvolvimento é algo influenciado pelo biológico, mas não submetido a ele. Nessa direção, a autora questiona a validade de visões simplistas e maturacionais, baseando-se nos preceitos da PHC pensados por Luria, Vigotski e Leontiev para sustentar sua argumentação. A autora afirma que as contribuições dos três autores soviéticos vão muito além da simples compreensão do

desenvolvimento infantil e trazem a novidade de que a criança é capaz de ser e fazer o mundo, sendo tão responsável pela cultura humana quanto o homem. Apesar dessas reflexões coerentes, acaba por relacionar esse aspecto da PHC (de encarar a criança como sujeito ativo) ao interacionismo. Vasconcelos (2015) cita o interacionismo e afirma que “faz-se importante refletir sobre alguns conceitos chaves desta corrente e suas contribuições para a temática proposta” (p. 99), logo em seguida fala sobre a Teoria da Atividade de Leontiev e sobre Vigotski como partes (“conceitos chave”) do interacionismo.

De acordo com Tuleski (2010), é comum que estudos baseados em Luria referentes à escrita sejam aproximados à teoria de Emília Ferreiro, continuadora da teoria piagetiana. Essa tendência continua presente, isso pode ser comprovado através da análise do artigo de Melo e Brito (2015). O estudo apresentado pelas autoras foi “fundamentado em estudiosos como Ferreiro e Teberosky (1999), Vigotski (1998), Luria (2006)” (MELO; BRITO, 2015, p. 67). É problemática a utilização de teorias que partem de princípios distintos para dar sustentação a uma mesma argumentação. De acordo com Oliveira e Rego (2010), o foco de Luria quando este estuda a emergência da escrita é “a apropriação de uma ferramenta cultural pela criança imersa no meio letrado” (p. 117), algo distinto da perspectiva de Emília Ferreiro, cuja teoria se atém à “reconstrução, no plano cognitivo individual, de um sistema representacional anteriormente construído e disponível no grupo social de que a criança faz parte” (p. 117), que passa por determinadas etapas de reconstrução interna espontânea.

Outra aproximação realizada com relação à teoria de Luria muito comum, segundo Tuleski (2010), é com o cognivismo, mais especificamente com a Teoria do Processamento Cognitivo – uma vertente que postula que o ato mental humano é muito semelhante ao de um computador, abarcando três fases fundamentais: entrada, elaboração e saída de informações. Nota-se, então, uma distinção entre essa corrente e o pensamento luriano, já que para o autor, o funcionamento do psiquismo humano engloba uma gama muito maior de fatores, ultrapassando o aparato biológico do ser humano, passando pelo social, cultural e histórico também, como já exposto (GOMES, 2002).

Dentre os artigos analisados, foi possível encontrar um trabalho – de Tonietto *et al* (2011) – em que as autoras propõem revisar o conceito de função executiva a partir das perspectivas neuropsicológica de Luria e da perspectiva cognitivista, novamente, uma aproximação epistemologicamente complicada pelo que já foi exposto. As funções executivas são associadas à teoria de Luria e Vigotski a respeito da linguagem e, ainda, nesse artigo, se compreende que as três unidades funcionais de Luria (1981) são “processos executivos”, o que

remete a um reducionismo pela incompreensão do princípio dialético de estruturação dos sistemas funcionais, vinculado à lei geral do desenvolvimento postulada inicialmente por Vygotsky (1991) de que as funções psicológicas superiores possuem um caráter inicialmente intersíquico e depois se tornam intrapsíquicas. É neste processo ao longo da vida que os sistemas funcionais se organizam funcionalmente.

Essa tendência de aproximar teorias foi encontrada em aproximadamente 21% dos artigos analisados (o que corresponde a cinco artigos). A realização dessas aproximações é possível pela exclusão das bases marxistas da teoria de Luria, sendo que ao fazê-lo acabam por fragmentar as obras de Vigotski e de Luria, traduzindo-as de forma linear, sem preocupações com a dialética e retirando sua historicidade. De acordo com Tuleski (2002), essa eliminação da singularidade do pensamento Histórico-Cultural exprime uma perda de grande parte do esforço realizado pela troika para construir uma Psicologia com raízes marxistas. O que nos leva a seguinte problemática e assunto do próximo tópico: as apropriações da obra de Luria que realizam uma assepsia em relação ao marxismo e ao materialismo histórico dialético (TULESKI, 2002; 2010).

3.2. Assepsia em relação ao materialismo histórico-dialético

O método escolhido pela *troika* para sua nova Psicologia foi o materialismo histórico-dialético desenvolvido por Marx e Engels, sendo importante ratificar que a compreensão e utilização da teoria de Vigotski e, por conseguinte, a de Luria torna-se impossível sem esse método. Qualquer tentativa de fragmentação ou assepsia em relação ao marxismo configura perda de essência e descaracterização tanto da Psicologia Histórico-Cultural quanto da Neuropsicologia. Dessa forma, faz-se imprescindível para os objetivos aqui expostos a análise dos artigos quanto à abordagem e à explicação do método materialista.

Martins (2009) menciona a dialética e a historicidade como parte constituinte da PHC de Vigotski e, conseqüentemente, de Luria, pois a teoria de ambos é compreendida como continuidade uma da outra, mas o materialismo marxista não é abordado. Do mesmo modo Anjos (2014) aborda tanto a dialética quanto a historicidade, a importância desta última no processo de desenvolvimento humano é destacada e explorada a partir do pensamento de Vigotski e de Engels. Entretanto, nesse trabalho há menção ao método materialista histórico-dialético, uma vez que tal relação é indispensável para se compreender a PHC.

Vasconcelos (2015) situa sua pesquisa – sobre psicologia do desenvolvimento – dentro de um enfoque materialista histórico e da Psicologia Histórico-Cultural. No decorrer do texto

de Vasconcelos (2015) é possível entender que a PHC utiliza os fundamentos materialistas histórico-dialéticos como base. No entanto, vale uma ressalva: não fica explícita a escolha da trioka por utilizar o materialismo em sua psicologia, bem como sua importância epistemológica nesta abordagem psicológica. Novaes-Pinto (2012), por outro lado, aborda apenas o método dialético, explica sua importância na teoria de Vigotski e o articula com o pensamento luriano. Apesar de não mencionar o método materialista histórico-dialético de Marx e Engels, frisa a importância dos aspectos sociais, históricos e culturais nos processos psíquicos humanos abordados pelo trabalho. Pode-se problematizar a dificuldade no aprofundamento do método que embasa os autores, quando se realiza um recorte voltado a um determinado objeto de investigação, a ser exposto nos limites de um artigo científico que invariavelmente limita o número de páginas. Este, sem dúvida é um problema decorrente das condições impostas pelo produtivismo acadêmico que precisa ser considerada.

Outros autores falham em mencionar aspectos principais que remetem ao método fundante da PHC, mesmo se embasando no pensamento desenvolvido por Luria e Vigotski. Estes autores são: Gonçalves e Napolitano (2013); Gerken (2008); Pontes e Hübner (2008); Araújo e Freire (2011); Santos e Chiote (2016); Freitas (2006); Silvestrin *et al* (2016); Nunes Aquino (2015); Riechi *et al* (2011); Pena e Andrade-Filho (2006); Tonietto *et al* (2011); Melo e Brito (2015); Novaes-Pinto e Santana (2009); Lopes *et al* (2016).

Considera-se a assepsia quanto ao materialismo histórico-dialético perigosa, pois pode levar a interpretações equivocadas de outros aspectos da obra de Luria (TULESKI, 2010). Exemplo disso é o que acontece com Gerken (2008) quando afirma que Vigotski e Luria estão ainda ligados a uma visão preconceituosa com relação aos ditos “povos primitivos” que estudaram em expedições à Ásia. Ou, quando Gerken (2008) expõe que os autores da PHC “não reconheciam neles [povos primitivos] a possibilidade de construção de conceitos abstratos, tarefa que só se tornaria possível com o advento da escrita, conquistada apenas por uma parte muito restrita da humanidade” (p. 556).

Nota-se, portanto, uma interpretação superficial dos estudos realizados, principalmente por Luria no campo intercultural. Na verdade, quando o termo “primitivo” é empregado o autor se refere à complexidade do modo de produção e relações sociais, tal qual Marx e Engels, em que complexidade não significa evolução ou avanço, necessariamente. Além disso, é válido ressaltar que as particularidades dos modos de pensamento que foram descritos por Luria (2016) não têm relação com especificidades biológicas e sim com o âmbito histórico-societário em que as pessoas se encontram. Dessa forma, considerava que, para que houvesse

mudança – ou seja, via sim a possibilidade de construção de conceitos abstratos/teóricos – era necessário que as condições socioeconômicas se alterassem. Por isso, esses estudos não podem ser identificados como preconceituosos, como o foram (LURIA, 2016)

Assim, a conclusão a que chegamos é que a grande maioria dos artigos analisados (75%) negligencia o método materialista histórico-dialético de alguma forma, seja não deixando explícita a sua relação com a PHC e com a Neuropsicologia ou não fazendo referência a ele. Portanto, quanto ao aspecto examinado nessa seção, pode-se afirmar que não houve mudanças no cenário apontado por Tuleski (2010). Com relação à próxima seção, o conteúdo também abarcará artigos que não abordam o método materialista histórico-dialético, mas com enfoque na dicotomização biológico vs. Social.

3.3. Tendência à dicotomização

Uma tendência apontada por Tuleski (2010) e que – como verificado na pesquisa – ainda está presente é a dicotomização dos aspectos sociais e biológicos da Neuropsicologia, ou seja, eles são fragmentados em duas categorias independentes, sendo o biológico supervalorizado em detrimento do social. Durante a análise do material foi possível notar o destaque conferido apenas ao aparato biológico para explicar as três unidades funcionais – Novaes-Pinto e Santana (2015); a desconsiderações de aspectos sociais, históricos e culturais em artigos cuja temática era a padronização de provas lurianas – Riechi *et al* (2011) e Silvestrin *et al* (2016), assunto que será ampliado na próxima seção; a desconsideração das bases marxistas – assunto já abordado – e outros.

Um dos trabalhos que apresenta forte tendência à dicotomização é o de Novaes-Pinto e Santana (2015), cujo tema central são as afasias. Quando as autoras abordam a concepção de Luria a respeito das afasias, é possível perceber uma visão biologicista a respeito do que o autor postulou, já que não há contextualização histórica-cultural a respeito dessa concepção. Quando Luria (1979) trata de qualquer tipo de afasia, ele retoma a linguagem como função fundamental no desenvolvimento humano e explica seus componentes – como a palavra, o conceito, a estrutura semântica – para depois explicar quais as consequências da afasia e quais áreas cerebrais são afetadas.

Além desse entendimento considerado problemático, é necessário salientar a ausência do materialismo histórico dialético no artigo, bem como a superficialidade com que os aspectos sócio-históricos são tratados, não ficando clara a importância da PHC dentro da obra de Luria e nem o papel principal desempenhado pelas relações sociais para o desenvolvimento humano.

O único momento em que há menção ao social relacionado com o pensamento e à Lúria é: “Partindo de um pressuposto lúriano de que as práticas sociais organizam o funcionamento cognitivo, podemos entender as variáveis encontradas entre os casos” (NOVAES-PINTO; SANTANA, 2015, P. 421).

Constata-se, portanto, a ocorrência – novamente – de descaracterização da obra de Lúria, já que a essência desta não é abordada e as determinações sócio-culturais não são aspectos periféricos na concepção neuropsicológica do autor. Dando continuidade aos padrões de apropriação encontrados, a próxima seção tratará da padronização do teste neuropsicológico Lúria-Nebraska.

3.4. Padronização das provas lúrianas

Como já afirmado, nessa seção o foco será a utilização de padronizações do teste Lúria-Nebraska que não considera a fundamentação teórica da Neuropsicologia lúriana, mesmo sendo categorizado como um “teste neuropsicológico”. Assim, é imprescindível ressaltar que Lúria “foi contrário aos procedimentos estandarizados e padronizados, válidos e possíveis de aplicação à grande parcela populacional. Essa aplicação generalizada desconsideraria, na concepção do autor, a particularidade do desenvolvimento humano” (RICCI, 2014, p. 12-13). Dessa forma, trabalharemos aqui com dois problemas: desconsideração da fundamentação teórica e a aplicação de procedimentos padronizados que são considerados parte da ciência neuropsicológica.

Com relação ao equívoco da fundamentação teórica, podemos ramificá-lo, para fins didáticos, em cinco tópicos: (1) a fragmentação da relação da Neuropsicologia com a PHC, que gera (2) a quebra da continuidade dos estudos de Lúria e Vigotski e a também consequente (3) assepsia quanto ao materialismo histórico-dialético – que já foi explicada no tópico anterior – (4) a exclusão dos aspectos fundantes da própria Neuropsicologia lúriana e, por último, (5) a supervalorização de aspectos quantitativos em detrimento de aspectos qualitativos.

Estes aspectos são visíveis tanto no trabalho de Riechi *et al* (2011) quanto no de Silvestrin *et al* (2016), os dois artigos dentre os analisados que traziam o tópico dos testes neuropsicológicos. Vale enfatizar que Ricci (2014) considera que o entendimento de Lúria sobre a manifestação da atividade psicológica no homem é herdado das ideias iniciais de Vigotski, assim como já explicado, ou seja, a Neuropsicologia lúriana nasce radicada na PHC. Dessa forma, Avaliações Neuropsicológicas (NA) deveriam partir dos fundamentos estabelecidos pela troika e principalmente daqueles desenvolvidos e aprofundados nos estudos

lurianos. Portanto, o principal objetivo de uma NA é buscar clareza a respeito do funcionamento psíquico do homem e avaliar a “integralidade de funcionamento cerebral, ou seja, os vários fatores psicológicos interferentes e a atuação de cada região cerebral e sua manifestação” (RICCI, 2014, p. 113), tomando como base fundamentos histórico-culturais (RICCI, 2014).

Diante disso, é possível afirmar que Riechi *et al* (2011) e Silvestrin *et al* (2016) incorrem no mesmo erro ao não mencionar a PHC, Vigotski e seus fundamentos como base central da Neuropsicologia. Ainda vale expor que Silvestrin *et al* (2016), em especial, fragmentam os estudos lurianos, utilizando a teoria de Luria de forma questionável quando consideram apenas aspectos filogenéticos e o aparato biológico do ser humano para fundamentar sua argumentação. A ontogênese é secundarizada em seu processo de desenvolvimento, bem como aspectos fundamentais da Psicologia Histórico-Cultural postulados por Vigotski e utilizados por Luria, como os dois níveis de desenvolvimento: o nível real e o potencial. O primeiro referindo-se ao que o sujeito é capaz de realizar sozinho que remete às habilidades já desenvolvidas e consolidadas e o segundo, àquelas que demandam mediações intersíquicas por estarem em vias de desenvolvimento. Para os autores Vigotski e Luria, o segundo nível é mais importante por retratar o vir-a-ser no desenvolvimento, o seu futuro, enquanto o primeiro refere-se ao agora, ao já desenvolvido (VIGOTSKII, 1988). Os testes padronizados, via de regra, centram-se em atividades autônomas, sem o recurso das intervenções e remetem a escores médios esperados por idade, ou seja, retratam de forma estática o desenvolvimento e não sua dinâmica (VYGOTSKY, 1991).

É indispensável um adendo quanto à pesquisa de Riechi *et al* (2011): nela, cento e vinte (120) crianças são submetidas a uma bateria de testes psicológicos, sendo que o Teste Psicológico Luria-Nebraska-C está entre eles. Não há explicação quanto à fundamentação teórica de nenhum dos testes. Levando em consideração que uma avaliação neuropsicológica, de acordo com Ricci (2014), deve ser realizada de modo particular, levando em consideração especificidades de cada caso, o maior problema que existe nessa pesquisa é que as únicas especificidades levadas em consideração são relativas ao aparato biológico dos sujeitos, desconsiderando as condições sócio-históricas em que estão inseridas. Portanto, há fragmentação do biológico e do social, bem como a utilização de um procedimento generalizado, situações duramente combatidas e criticadas por Luria.

É importante esclarecer que a avaliação neuropsicológica luriana, para que possa cumprir com seus objetivos, é mais respaldada por critérios qualitativos. Ricci (2014) não descarta a possibilidade de utilização de instrumentos mais objetivos, mas enfatiza que ela não

deve se restringir ao uso deles. Apesar dessas características, o trabalho de Silvestrin *et al* (2016) busca evidências de validade para o Teste Luria-Nebraska para Crianças (TLN-C) a partir de suas relações com a Escala de Inteligência Wechsler para Crianças, Terceira edição (WISC-III) – uma escala predominantemente quantitativa, baseada em princípios psicométricos. Além disso, os resultados são basicamente quantitativos, desconsiderando particularidades das crianças envolvidas na testagem. Riechi *et al* (2011) também se adequa a esse mesmo padrão, expondo resultados mais quantitativos.

A partir das análises e explanações realizadas, é possível notar que ambas as pesquisas tratam de instrumentos padronizados e estandarizados, que valem para uma grande amostra, isto é, instrumentos que vão de encontro às proposições luriana. Por exemplo, Luria e Majovski (1977) posicionam-se de forma contundente contra a Neuropsicologia Americana, tecendo crítica à orientação quantitativa, sem um enfoque teórico norteador, que acabava conduzindo a diagnósticos errôneos. Fizeram a crítica aos testes padronizados e estandarizados, que eliminavam a subjetividade do investigador, cujas informações não possibilitavam o desenvolvimento de métodos eficazes para reabilitação. Analisam a neuropsicologia Soviética e a Americana demonstrando a diferença em seus enfoques. A primeira visava compreender detalhadamente e qualitativamente cada sintoma apresentado, estabelecendo a correlação entre as áreas lesionadas, a profundidade da lesão e as possibilidades de reabilitação, considerando o nível de desenvolvimento do indivíduo, orgânico e cultural. A segunda estabelecia um conjunto de sintomas padrão e abstrato para cada patologia e a bateria de testes avaliava de acordo com o número de sintomas correspondentes, estabelecia-se o diagnóstico e supunha-se a área afetada.

Isto posto, observou-se que os artigos desconsideraram os principais aspectos da Neuropsicologia e pareceram se distanciar cada vez mais a avaliação da intervenção, aspectos indissociáveis para a visão luriana. Concordamos com Ricci (2014) quando afirma que as avaliações neuropsicológicas que se respaldam em Luria devem tomar outro caminho, superando as concepções biologicistas e naturalizantes e colocando avaliador como agente/ativo no procedimento, como alguém que busca, intencionalmente, gerar desenvolvimento cognitivo.

4. Considerações Finais

A partir dos resultados obtidos, constata-se que o cerne das apropriações problemáticas da obra de Luria é a assepsia do materialismo histórico-dialético, isso porque todos os trabalhos que apresentaram como tendência interpretativa a aproximação entre teorias e/ou a tendência à dicotomização e/ou a padronização das provas lurianas também apresentaram, via de regra, a assepsia das bases marxistas. Dessa forma, entende-se que essa desvinculação entre a teoria de

Luria e o materialismo histórico-dialético é o problema central quando o assunto tratado são as interpretações da Neuropsicologia luriana.

A desconsideração dos aspectos marxistas possibilita a aproximação do pensamento dialético do autor a teorias completamente distintas em suas bases filosóficas e epistemológicas, já que estas são teorias desassociadas do marxismo. Além disso, operam uma dicotomia entre os aspectos biológico e social, que para o autor constituem uma unidade indissociável. A desconsideração dos aspectos sociais pelo prisma de sua importância no arcabouço teórico do materialismo histórico-dialético, desemboca, inclusive, na padronização de provas lurianas na avaliação psicológica, à despeito de todas as críticas realizadas pelo autor às escalas e testes padronizados e seu esforço em pensar uma avaliação que considerasse o sujeito concreto e não medisse as funções em abstrato. Fica claro que, se o contexto de desenvolvimento da neuropsicologia luriana fosse tomado pelos intérpretes da obra de Luria, como parte do arcabouço da PHC que emprega o materialismo histórico-dialético como método analítico de base para o desenvolvimento do psiquismo, seria possível dirimir em grande parte as distorções operadas pelas tendências interpretativas aqui analisadas.

Considerando que Luria faz parte da Escola de Vigotski e que sua Neuropsicologia surge dessa relação, concorda-se com a hipótese lançada por Duarte (1996) que afirma que “para se compreender o pensamento de Vigotski e de sua escola é indispensável o estudo dos fundamentos marxistas dessa escola psicológica” (p. 21). Observa-se, no entanto, que ainda isso não acontece na maioria dos trabalhos, como evidenciado nas análises realizadas. Como consequência observa-se estudos que se baseiam em Luria para enfatizar aspectos biológicos ou patologias individuais, desconsiderando a transformação de funções psicológicas pelo processo de escolarização. Os estudos interculturais de Luria (2016), por exemplo, demonstram esse potencial de transformação do psiquismo por meio das mudanças operadas no âmbito social, tais como reorganização do modo de produção, inserção de técnicas de trabalho mais complexas e escolarização.

Reiteramos, portanto, que a assepsia das bases marxistas serve para neutralizar a possibilidade de compreensão da obra luriana a partir de uma visão materialista histórica-dialética, que implicaria diretamente em discussões “das relações sociais de produção na atualidade e no processo de desumanização dos indivíduos em seu interior” (TULESKI, 2010, p. 172). Como já afirmado, nota-se uma convergência entre os resultados aqui obtidos e aqueles apontados pela pesquisa de Tuleski (2010), indicando poucas mudanças no panorama exposto pela autora correspondente ao período de 1980-2005.

Por fim, vale acrescentar o esforço de autores, mesmo numa minoria de artigos (25%) na amostra estudada, que abordam a Neuropsicologia e a PHC de forma coerente com o que seus expoentes propuseram, como os trabalhos de Fonseca e Ozella (2010), Rodrigues (2015), Tuleski, Chaves e Barroco (2012), Pereira e Mori (2011), Andrade e Smolka (2012) e Oliveira e Rego (2010). Verifica-se, portanto, a necessidade de continuar apontando a importância de estudos que considerem a base filosófica e epistemológica dos autores utilizados como referência, prática pouco utilizada nas pesquisas atuais, seja pela difusão do ecletismo como prática considerada científica, seja pelo aligeiramento das e nas produções e publicações decorrentes do produtivismo acadêmico.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, J. de J.; SMOLKA, A. L. B. Reflexões sobre desenvolvimento humano e neuropsicologia na obra de Vigotski. **Psicologia em estudo**, v. 17, n. 4, p. 699-709, 2012. ISSN 1413-7372. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-73722012000400016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v17n4/a16v17n4.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- ANJOS, R. E. O papel da educação escolar no desenvolvimento da personalidade do adolescente. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 25, n. 1, p. 228-246, 2014. DOI <https://doi.org/10.14572/nuances.v25i1.2941>. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/download/2941/2529>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- ARAÚJO, M. L. B.; FREIRE, R. M. A. Atendimentos fonoaudiológico em grupo. **Revista CEFAC**, v. 13, n. 2, p. 362-368, 2011. ISSN 1516-1846. DOI <https://doi.org/10.1590/S1516-18462011000200019>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rcefac/v13n2/a19v13n2.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- DUARTE, N. A escola de Vigotski e a educação escolar: algumas hipóteses para uma leitura pedagógica da psicologia histórico-cultural. **Psicologia USP**, v. 7, n. 1-2, p. 17-50, 1996. DOI 10.1590/S1678-51771996000100002. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/download/34531/37269>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- FONSECA, D. C.; OZELLA, S. As concepções de adolescência construídas por profissionais da Estratégia de Saúde da Família (ESF). **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 14, n. 33, 2010. ISSN 1414-3283. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832010000200014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/icse/v14n33/a14v14n33.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.
- FREITAS, N. K. Desenvolvimento humano, organização funcional do cérebro e aprendizagem no pensamento de Luria e de Vygotsky. **Ciências & Cognição**, v. 9, p. 91-96, 2006. ISSN 1806-5821. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v9/v9a10.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

GERKEN, C. H. A dialética da linguagem oral e escrita no desenvolvimento das funções psíquicas superiores. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 3, p. 549-558, 2008. ISSN 1807-0329. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000300016>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v13n3/v13n3a16.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

GOMES, C. M. A. **Feuerstein e a construção mediada do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

GONÇALVES, A. V.; NAPOLITANO, A. A. A (re)escrita de textos em livros didáticos de língua portuguesa. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, v. 35, n. 2, p. 105-114, abr./jun.2013. DOI <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v35i1.17104>. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/17104/pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

HAZIN, I. *et al.* Contribuições da Neuropsicologia de Alexandr Romanovich Luria para o debate contemporâneo sobre relações mente-cérebro. **Mnemosine**, v. 6, n. 1, p. 88-110, 2010. ISSN 1809-8894. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/download/41517/pdf_176. Acesso em: 22 abr. 2020.

LOPES, E. M. C. *et al.* O desenvolvimento psicológico do adulto com deficiência adquirida: contribuições de AR Luria na obra O homem com um mundo estilhaçado. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 63-68, 2016. ISSN 1984-0292. DOI <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1147>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/fractal/v28n1/1984-0292-fractal-28-1-0063.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979a, v. 1.

_____. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979b, v. 2.

_____. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979c, v.3.

_____. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979d, v. 4.

_____. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: EDUSP, 1981.

_____. **A construção da mente**. São Paulo: Ícone, 1992.

_____. **A Psicologia como ciência histórica**: sobre a questão da natureza histórica dos processos psicológicos, Santa Maria, 2016.

_____. Reabilitação de funções por meio da reorganização dos sistemas funcionais. *In*: LONGAREZI, A. M.; PUENTES, R. V. **Ensino desenvolvimental**: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos, Uberlândia: EDUFU, 2017, p. 59-108.

LURIA, A. R.; MAJOVSKI, L. V. Basic approaches used in american and soviet clinical neuropsychology. **American Psychologist**, v. 32, n. 11, 959-968, 1977. DOI 10.1037//0003-066x.32.11.959. Acesso em: 22 abr. 2020.

MARTINS, M. S. C. Hibridismo e plasticidade na constituição dos gêneros do discurso. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 48, n. 1, p. 23-39, 2009. ISSN 2175-764X. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-18132009000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tla/v48n1/03.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

MELO, K. R.; BRITO, A. E. Leitura e escrita na educação infantil: sobre usos e funções. **Interfaces da Educação**, v. 5, n. 15, p. 67-90, 2015. ISSN 2177-7691. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/download/454/420>. Acesso em: 22 abr. 2020.

NOVAES-PINTO, R. do C.; SANTANA, A. P. Semiologia das afasias: uma discussão crítica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 3, p. 413-421, 2009. ISSN 0102-7972. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722009000300012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/prc/v22n3/v22n3a12.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

NOVAES-PINTO, R. do C. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. **Letras de Hoje**, v. 47, n. 1, p. 55-64, 2012. DOI <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2020.4>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/9858/7421>. Acesso em: 22 abr. 2020.

NUNES, L. de L. N.; AQUINO, F. de S. B. Habilidade de comunicação intencional de bebês: o que pensam as mães?. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 30, n. 4, p. 363-372, 2015. ISSN 1982-1247. DOI <http://dx.doi.org/10.34019/1982-1247.2019.V13.25813>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n4/v30n4a01.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

OLIVEIRA, M; REGO, T. C. Contribuições da perspectiva histórico-cultural de Luria para a pesquisa contemporânea. **Educação e Pesquisa**, v. 36, número especial, p. 105-119, 2010. ISSN 1517-9702. DOI <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000400009>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v36nspe/v36nspea09.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

PENA, G. P.; ANDRADE-FILHO, J. de S. Implicações cognitivas, filosóficas e educativas do trabalho do patologista. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 30, n. 2, p. 76-86, 2006. ISSN 1981-5271. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ep/v36nspe/v36nspea09.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

PEREIRA, M. J.; MORI, N. N. R. Diretrizes curriculares e o desempenho de alunos paranaenses da 8ª série do ensino fundamental na Prova Brasil. **Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 8, n. 1, p. 121-143, 2011. DOI <https://doi.org/10.21713/2358-2332.2011.v8.243>. Disponível em: <http://ojs.rbpq.capes.gov.br/index.php/rbpq/article/view/243/232>. Acesso em: 22 abr. 2020.

PONTES, L. M. M; HÜBNER, M. M. C. A reabilitação neuropsicológica sob a ótica da psicologia comportamental. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 35, n. 1, p. 6-12, 2008. ISSN 1806-938X. DOI <https://doi.org/10.1590/S0101-60832008000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rpc/v35n1/v35n1a02.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

RICCI, P. S. P. **Análise da proposta de avaliação neuropsicológica de A. R. Luria e suas utilizações contemporâneas**, 2014, 204f. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual

de Maringá, Maringá, 2014. Disponível em:
<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/3012/1/000217010.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

RIECHI, T. I. J. *et al.* Impacto do nascimento pré-termo e com baixo peso na cognição, comportamento e aprendizagem de escolares. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 29, n. 4, p. 495-501, 2011. ISSN 0103-0582. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-05822011000400005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rpp/v29n4/05.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

RODRIGUES, C. A. A reestruturação produtiva do capital e seus impactos sobre o trabalho docente. **Impulso**, v. 25, n. 64, p. 29-44, 2015. ISSN 2236-9767. DOI <https://doi.org/10.15600/2236-9767/impulso.v25n64p29-44>. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/2526/1698>. Acesso em: 22 abr. 2020.

SANTOS, E. C.; CHIOTE, F. B. Autismo e a pré-história da linguagem escrita. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 16, n. 1, p. 241-245, 2016. DOI <https://doi.org/10.1111/1471-3802.12261>. Disponível em: <https://nasenjournalsonline.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12261>. Acesso em: 22 abr. 2020.

SILVESTREIN, M. *et al.* Evidências de Validade do Teste Luria-Nebraska para Crianças: Relações com Escolaridade e Inteligência. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 31, n. 4, p. 461-469, 2016. DOI [10.1590/0102-37722015042526461469](https://doi.org/10.1590/0102-37722015042526461469). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/18056/17344>. Acesso em: 22 abr. 2020.

TONIETTO, L. *et al.* Interfaces entre funções executivas, linguagem e intencionalidade. **Paidéia**, v. 21, n. 49, p. 247-255, 2011. ISSN 0103-863X. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2011000200012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v21n49/12.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2020.

TULESKI, S. C. As interpretações ocidentais da obra de Vygotski. *In*: _____. **Vygotski: a construção de uma psicologia marxista**. Eduem, 2002.

_____. As apropriações contemporâneas dos estudos de A. R. Luria e suas implicações para a psicologia e educação. **Arma da Crítica**, Fortaleza, v. 2, número especial, p. 155-177, mar. 2010. ISSN 1984-4735. Disponível em: http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo_9_especial.pdf. Acesso em: 22 abr. 2020.

_____. **A relação entre texto e contexto na obra de Luria**: apontamentos para uma leitura marxista. Maringá: Eduem, 2011.

VASCONCELOS, G. S. M. As contribuições da psicologia do desenvolvimento na perspectiva histórico cultural para a participação infantil. **Zero-a-Seis**, v. 17, n. 31, p. 92-106, 2015. DOI <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2015n31p92>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2015n31p92/28944>. Acesso em: 22 abr. 2020.

VIGOTSKII, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *In:* VIGOTSKII, L. S. *et al.* **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**, São Paulo: Ícone, 1988, p. 103-118.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**: símios, homem primitivo e criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.